

O Grupo Modernista-Regionalista de Pernambuco: Cícero Dias, Gilberto Freyre e a articulação entre Região, Tradição e Modernidade

RAQUEL CZARNESKI BORGES*

Este artigo tem como objetivo apresentar e analisar as relações do artista pernambucano Cícero Dias com um grupo de intelectuais que se constitui no Recife, durante as décadas de 20 e 30 em torno da figura de Gilberto Freyre, denominado Modernista-Regionalista. Este grupo tinha a proposta de pensar as especificidades da cultura regional, valorizando as tradições do lugar, diante dos desafios da modernização, que se intensificavam desde meados do século XIX na capital pernambucana. Este estudo faz parte do desenvolvimento de um projeto de dissertação que pretende analisar especificamente a produção de Cícero Dias dentro desse contexto.

Os anos 20 e 30 do século XX são marcados por profundas e aceleradas transformações sócio-culturais. No Recife, tanto a estrutura urbana da cidade, a vida social e cultural, bem como os costumes dos habitantes vão mudar consideravelmente. A partir, principalmente dos anos 20, diversas reformas sociais e urbanas são implementadas pela administração de Sérgio Loreto, no sentido de modernizar e “civilizar” a cidade, arejando-a e higienizando-a segundo os padrões de salubridade europeus, entendidos como modernos para a época. Segundo o historiador Raimundo Arrais, as principais transformações urbanas no Recife, no sentido de se construir um espaço público definido e moderno para a cidade se dão já no século XIX, a partir da administração do prefeito Rego Barros. Já no século XX, podem-se reconhecer na história da cidade, duas fases principais de modernização: a primeira vai dos anos de 1909 a 1913, e a segunda de 1922 a 1926, justamente no governo de Sérgio Loreto (ARRAIS, 2004)

Neste momento, é empreendida uma série de medidas administrativas focadas na reorganização de órgãos públicos responsáveis pela higiene e limpeza da cidade como a Repartição de Higiene, e na abertura de espaços públicos amplos e arejados, por onde o fluxo de pessoas, automóveis e ar pudesse circular sem obstáculos, dinamizando a vida

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Bolsista do CNPq. Orientanda do Prof. Dr. Antonio Paulo de Moraes Rezende.

na cidade e evitando as contaminações por doenças. É deste período, por exemplo, a abertura da Avenida Beira Mar, consolidando o bairro de Boa Viagem como balneário de famílias nobres da cidade do Recife. De acordo com o historiador Antonio Paulo Rezende, as palavras de ordem deste período eram “urbanizar, civilizar e modernizar” (REZENDE, 2002: 95), tendo como ideal norteador o progresso social e econômico.

Dessa forma, as discussões intelectuais sobre a crescente modernização da cidade, por um lado, e as tradições, por outro, ganharam espaço nos meios de comunicação, jornais, revistas e livros, no Recife da época. Diante das profundas transformações sociais que se processavam na cidade, muitos intelectuais, preocupados com a sobrevivência, manutenção e comunicação das tradições que acreditavam ser características da cidade, manifestaram seu desgosto ou descrença diante dos ideais do progresso indiscriminado tão propalados neste momento e entendidos como ameaça à cultura regional.

Entre esses intelectuais que passam a pensar a cidade, colocando-se de forma crítica diante da modernização indiscriminada e buscando valorizar as chamadas raízes culturais da região, encontramos Gilberto Freyre, Manuel Bandeira, Mário Sette e Cícero Dias, entre outros. É interessante notar que Gilberto Freyre, por exemplo, dedica-se a pensar não só a cidade do Recife, o espaço urbano, mas a área rural circundante, a zona canavieira e suas tradições, assim como suas ligações com a cidade. Manuel Bandeira escreve um famoso poema, *Evocação do Recife*, onde busca nas memórias de sua infância as reminiscências de uma cidade tradicional e familiar que vem desaparecendo, dando lugar às construções cada vez mais frias e impessoais. Mário Sette dedica-se ao registro dessa cidade que vem desaparecendo, suas construções, costumes, histórias pitorescas. E Cícero Dias representa plasticamente esse Recife das tradições e da modernidade.

A produção artística de Cícero Dias, especificamente, assim como os escritos de Freyre, não se restringem às representações da cidade do Recife, pelo contrário, abordam também o universo rural e suas tradições, seus mitos, suas histórias, suas imagens e suas relações com o meio urbano. Esses artistas e intelectuais possuem uma posição saudosista com relação ao Recife Antigo e às tradições culturais da região. A

partir dessa postura nostálgica contribuem para a própria invenção de uma idéia de nordeste, baseada no regionalismo e na tradição¹.

Nestes anos de profundas mudanças, não só a materialidade da cidade se transforma, mas também suas representações simbólicas; a cidade que vive na memória de seus habitantes, cronistas, pintores e literatos também vai se construindo e reconstruindo, como afirma Raimundo Arrais (ARRAIS, 2006). Segundo Antonio Paulo Rezende,

A fragmentação toma conta da cidade moderna na medida que cresce nela a idéia que se pode sempre aperfeiçoá-la. Ela não cessa, então de ser reconstruída, cria-se uma obsessão. A imagem que se tem dela passa a ser modificada constantemente, a dialética entre o novo e o velho ganha dimensões incríveis. (REZENDE, 1997: 24)

Dessa forma, esses intelectuais saudosistas com relação às tradições e desejosos de delinear as marcas identitárias de uma cidade que crescia e abandonava muito do seu passado, buscaram, considerando suas especificidades, reconstruir em suas poesias, ensaios, crônicas ou obras plásticas o cotidiano tradicional da cidade, entendido como ameaçado de desaparecimento diante do processo de modernização. Muitos deles cunharam expressões até hoje utilizadas para designar a cidade do Recife, como *Recife Antigo*, *Recife Velho* ou *Recife de outrora*. Esses autores buscavam no passado um sentido para a história da cidade que parecia estar se perdendo ou se “descaracterizando” diante das medidas e inovações técnicas e dos padrões modernos baseados na racionalidade e no progresso que se colocavam como ordem do dia no momento.

É justamente sobre este “caráter” da cidade do Recife que Gilberto Freyre vai se dedicar a escrever. Autor preocupado em refletir sobre o impacto da modernização para a “vocação” tradicional da cidade, Freyre busca encontrar no passado as “raízes” de uma identidade regional, o sentido para a história de Pernambuco e do Recife e, conseqüentemente, sua inserção particular em um contexto nacional e mundial mais amplo. A preocupação dele e de outros intelectuais do período era manter as

¹ Sobre o processo de “invenção” do Nordeste, ver: ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2009.

especificidades do local, sem perder o compasso da modernização e do desenvolvimento do capitalismo em nível internacional.

Gilberto Freyre, como um intelectual muito próximo de Cícero Dias e em torno do qual se agrupavam outros pensadores mais jovens nestas primeiras décadas do século XX em Pernambuco, mostra-se preocupado em pensar a região Nordeste, suas especificidades no cenário nacional, suas transformações e permanências, ajudando, assim, a construir e consolidar uma identidade regional que buscava valorizar a tradição, sem perder o compasso da modernidade, sendo, como aludia Freyre, regional e universal em um só tempo. A grande preocupação era a de articular tradição e modernidade, colocando Pernambuco de forma específica dentro do contexto nacional, buscando no passado os fundamentos da identidade regional, sem, no entanto, desprezar a modernização. Por isso mesmo, passaram a denominar-se modernistas-regionalistas.

Para Gilberto Freyre, a constituição de um campo intelectual e artístico no Nordeste preocupado em pensar as especificidades da região

(...) fez muitos dos homens novos do Nordeste – e mesmo alguns dos velhos – começarem a ver sob uma nova luz a gente e as coisas, a paisagem e o passo de sua região e do seu país; e também os problemas do seu tempo. E essa nova visão, a um tempo regional e universal, da vida e dos problemas humanos, é uma nota identificadora de alguns dos trabalhos mais sérios saídos do Nordeste nos últimos vinte ou vinte e poucos anos (...). (...) em todos aqueles trabalhos há um critério ou sentido regional da vida ou da cultura humana que se faz mais adivinhar do que aprender. (FREIRE, 1947)

Neste texto, Gilberto Freyre nos apresenta uma síntese do que seria este movimento modernista-regionalista do Nordeste, em oposição ao modernismo do Sul/Sudeste, identificado mais adiante neste documento de Freyre com a figura do crítico Temístocles Linhares e de outros artistas como Sérgio Buarque de Holanda, Graça Aranha, Oswald de Andrade, e Mário de Andrade, por exemplo. Toda a construção de Freyre neste texto aponta para a elaboração de uma identidade para o movimento modernista-regionalista do Nordeste, liderado por ele mesmo, Gilberto Freyre, em oposição às vanguardas de São Paulo ou Rio de Janeiro, segundo o autor, preocupadas somente em imitar os padrões estéticos estrangeiros, sem critérios, sem criticidade.

Em 1934, Freyre publica um guia para se percorrer e apreender um pouco do Recife e suas histórias, plasmadas nas ruas e construções da cidade. O *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, cumpre a função de apresentar afetivamente a cidade ao leitor e fazê-lo adentrar em um universo pitoresco da cidade, revelado por quem já demonstrava ter certa intimidade com ela, com os costumes de seus habitantes, suas peculiaridades. Dessa forma, o *Guia* é aberto com textos de Freyre sobre o “caráter” da cidade e o cosmopolitismo do Recife, além de contar com textos sobre a luz, as águas e o ar do Recife, as tradições da cidade, nomes de ruas, velhas casas e sobrados, parques, igrejas e conventos, além do aeroporto, porto e estações de trem. Percebemos, portanto, na construção do *Guia*, o desejo de, ao mesmo tempo, exaltar e conservar as tradições de uma cidade que vinham sendo ameaçadas pela modernidade e demonstrar a vocação para o cosmopolitismo e o progresso inerentes à cidade e a sua dinâmica.

De acordo com Antonio Paulo Rezende:

Gilberto Freyre procura nomear a cidade no que ela tem de mais singular. Ressalta as permanências, desenhando uma identidade que não se revela facilmente (...). O Recife é uma cidade que sempre conviveu com o cosmopolitismo (...). A cidade se modernizou, se alargou, ocupou espaços, redefinindo sua cartografia e aumentando seus segredos. A verticalização expande-se velozmente (...). O concreto refez identidades que pareciam imutáveis. As invenções tecnológicas invadem as ruas e as moradias para transformar os hábitos. Quem poderia esperar tantas transformações? Em que memória caberia tantas lembranças? Portanto, o diálogo entre o passado e o presente se torna cada vez mais complexo. É a ansiedade do futuro que dá o ritmo a essa dissonante sinfonia urbana. (REZENDE, 2002:41-42)

Nesse sentido, entendemos que as elaborações teóricas, poéticas ou plásticas feitas por artistas desse período encontram em Gilberto Freyre um de seus expoentes maiores e em Cícero Dias, alguém que realizou artisticamente a representação dessa cidade ao mesmo tempo tradicional e moderna que era vista e divulgada pelos regionalistas das primeiras décadas do século XX. O *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*, pode ser, portanto, um guia para o leitor de hoje

adentrar no mundo dessa cidade simbólica construída e enaltecida pelos modernistas-regionalistas, suas tradições e progressos.

No mesmo Guia Prático, Histórico e Sentimental da cidade do Recife, Gilberto Freyre comenta o início da atuação do grupo modernista-regionalista, nos anos de 1923-24, atribuindo a eles o importante movimento de conservação das tradições, nomes de ruas, árvores, nomes de doces, etc. Freyre aponta, assim, a fundação do Centro Regionalista do Nordeste, fundado nestes princípios dos anos 20, e descreve um pouco dessa “profissão de fé” que era a atuação do centro para ele.

Fundado no Recife, aquele Centro Regionalista do Nordeste, muito fez o centro, durante anos decisivos, a favor da harmonização do progresso técnico da capital de Pernambuco com a sua fisionomia tradicional e com seu caráter regional. Dentre outras iniciativas do Centro ficou célebre a sua Semana da Árvore (1924), que marcou o início da moderna atitude de respeito pela árvore entre a gente mais esclarecida da cidade. Foi uma espécie de Semana de Santas Missões, em que os pregadores regionalistas clamaram pela salvação das árvores da cidade ou pela sua reabilitação, com um fervor de missionários (...)² (FREYRE, 2007: 47. Grifo nosso.)

Ainda analisando o *Guia*, podemos perceber em uma passagem escrita por Freyre, sobre a atuação do grupo modernista-regionalista e suas intenções de preservação das tradições. Diz ele sobre a atuação do Centro Regionalista do Nordeste, e sua importância na manutenção das tradições, juntamente com a comunicação destes valores entre uma elite intelectual recifense:

(...) muito se tem feito no Recife a favor da doçaria tradicional da cidade, representada pelas pretas de tabuleiro e por sua arte não de todo perdida de quituteiras urbanas; a favor dos móveis de jacarandá de fabricação recifense (...), em prol de áreas de recreio para as crianças pobres do Recife em que se conservassem jogos e brinquedos tradicionais e regionais como as gangorras ou jangalamantes ou caxipins; a favor da regionalização do Parque de Dois Irmãos que passaria a ser para a população do Recife um parque com árvores, plantas e animais da região ou aqui aclimatadas.

² Acreditamos importante destacar o paradoxo que se apresenta aqui: A conservação da tradição é considerada uma atitude moderna. É neste sentido que os intelectuais modernistas-regionalistas vão buscar se diferenciar do modernismo do sudeste que, segundo eles, não estava preocupado com o passado e as tradições culturais.

Trabalho, em grande parte, dos regionalistas-modernistas desde 1923 ou 24 em ação no Recife. (FREYRE, 2007: 46-47)

É neste clima de exaltação da identidade regional, que Gilberto Freyre fala também sobre a arte de Cícero Dias, apontando-o como um dos expoentes mais importantes do modernismo-regionalista, e ao mesmo tempo universalista de Pernambuco. Freyre era amigo próximo de Cícero Dias e um entusiasta da sua arte. Sobre essa “vocação” para o regional e o universal, fala Gilberto Freyre de Cícero Dias:

Como o Cícero de mil novecentos e vinte e tantos, o de hoje continua da sua terra e do seu povo, sem que isto o venha impedindo de ser um dos pintores brasileiros de mais pura universalidade de expressão e de mais arrojada modernidade de técnica: uma modernidade que, nele, nunca parou em qualquer modernismo sectário. Que não cessou até hoje de ser modernidade. Mas nem essa sua modernidade nem aquela sua universalidade fizeram secar em artista tão complexo e, ao mesmo tempo, tão simples, sua condição de brasileiro de província, nascido e crescido numa das regiões também mais complexas do Brasil: aquela em que, na gente, mais se vem misturado ao sangue europeu o do indígena e o do africano; e nas artes, nos costumes, nos alimentos, à cultura vinda da Europa, a encontrada nas populações nativas e trazida da África pelo negro. (FREYRE, 1962: 03)

Dessa forma, Gilberto Freyre e Cícero Dias, assim como outros intelectuais pernambucanos do período, contribuem para a construção de uma identidade regional, ressaltando as particularidades do Nordeste e ao mesmo tempo inserindo a região no contexto geral da modernização do país. Nesse sentido, Gilberto Freyre em seus escritos e Cícero Dias nas suas representações artísticas apontavam para a construção de uma identidade regional baseada na tradição e na modernidade, aliando três conceitos fundamentais para se compreender as elaborações teóricas dos modernistas-regionalistas de Pernambuco: região, tradição e modernidade. É a partir da articulação desses três conceitos que se dá a construção teórica dos modernistas: a identidade regional é pensada e construída em acordo com a aliança entre tradição e modernidade.

Artista nascido em 1907 no município de Escada, filho de uma família tradicional de Pernambuco, Cícero Dias cresce circundado por elementos culturais fortemente identificados com as tradições regionais, acostumando seu olhar e sua sensibilidade às luzes e cores de um nordeste interiorano, dos engenhos de cana-de-

açúcar, das casas-grandes e senzalas, das tradições aristocráticas, de um mundo tradicional que mais tarde servirá de referência para as construções teóricas e artísticas dos intelectuais modernistas. Aprende pintura no ambiente familiar, com uma tia. Ainda criança, vai estudar no Recife e, quando jovem, nos anos 20, vai para o Rio de Janeiro, entrando em contato com os intelectuais modernistas do sudeste e realizando sua primeira exposição individual no Rio de Janeiro, em 1928.

Cícero Dias começa a integrar-se nos meios artísticos e intelectuais tanto no Rio de Janeiro, como no Recife. Participa, junto com outros artistas modernistas, de várias exposições e mostras de arte. Consegue realizar em 1928, como afirmamos, sua primeira exposição individual, no salão da Policlínica do Rio de Janeiro, em um Congresso de Psicanálise³. Em 1934 participa da elaboração e organização junto com Gilberto Freyre, do I Congresso Afro-Brasileiro, no Recife, já demonstrando as temáticas caras às discussões entre os modernistas de Pernambuco: a busca pelas “raízes” culturais do Nordeste, na tentativa de “resgatar” suas tradições e construir sua identidade regional.

A partir de 1937, devido às perseguições políticas empreendidas pelo Estado Novo, Cícero Dias muda-se a convite do artista Di Cavalcanti, para Paris. Na capital francesa, conhece diversos outros artistas, expande suas temáticas e aperfeiçoa suas técnicas, passando a participar de um circuito internacional de arte. Torna-se amigo de Pablo Picasso e de Paul Éluard, por exemplo. Aproxima-se dos surrealistas e no Brasil chega a ser identificado como “o pequeno Chagall dos trópicos.” (AMARAL, 2006:78)

Na década de 30, época de sua maior aproximação com Gilberto Freyre, Cícero Dias é identificado pelo amigo como um pintor que realiza artisticamente os desejos dos modernistas-regionalistas, pintando as cores, as pessoas, a luz, o cotidiano entendidos como característicos do Nordeste. O próprio Cícero Dias, em entrevista para o jornal o Estado de São Paulo, no ano de 1999, relembra a influência e a importância que os

³ É interessante notar os espaços que se propunham às exposições desses artistas no período, aqueles onde era possível a apresentação de seus trabalhos. Cícero Dias exhibe seu painel *Eu vi o mundo...ele começava no Recife*, que chega a ser destruído em boa parte por conta de supostas obscenidades e imoralidades, em uma clínica médica, único lugar que aceita expor sua obra, durante um congresso de psicanálise. Seria ele um objeto de estudo clínico? Este fato serve para nos dar uma dimensão de como esses trabalhos eram vistos naquele momento, talvez nem como uma arte menor daquela destinada às vernissages e salões, tamanha era a provocação que propunham ao público.

elementos de sua vida no Nordeste tiveram para o desenvolvimento de sua sensibilidade de artista e a composição de suas obras ao afirmar: *“Eu ficaria feliz se as pessoas diante de meus quadros com cenas ou fragmentos de pomares, tivessem a memória do olfato ativada com a vista, para sentir o perfume das frutas que pintei.”* (DIAS, 1999). Este Nordeste lírico, de frutas e pomares, cores e perfumes, composto como uma paisagem de sonhos, saído das suas memórias e realizado em várias de suas obras é que parece ser rememorado pelo pintor neste trecho.

Neste sentido, nosso intuito neste texto foi o de apresentar basicamente a constituição deste grupo de intelectuais que passa a pensar a cidade do Recife e as tradições culturais do Nordeste diante da modernização. Achamos importante apontar essas questões, pois, é a partir desse momento que se consolida um imaginário sobre a vocação cultural da região e passa-se a articular os conceitos de região, tradição e modernidade.

De certa forma, o paradoxo que se coloca entre tradição e modernidade neste momento permanece constante nas reflexões sobre o desenvolvimento do Brasil e de países entendidos em desenvolvimento. Aliar ou articular essas duas dimensões aparentemente distantes ou antagônicas e consolidar uma identidade coerente que dê conta de aspectos tão distintos de uma mesma realidade é uma preocupação de quem se dedica a pensar essas questões no Brasil e no Nordeste, especificamente.

Por isso, concluímos que o grupo modernista-regionalista, a seu modo consegue introduzir essas questões em um meio intelectual recifense e pernambucano, pautando como ordem do dia o “caráter” da região diante de um processo de modernização que não era somente regional. Parece-nos que é a partir desse momento e das construções desses intelectuais e artistas surge um desejo mais sistemático de responder às demandas do progresso e ao mesmo tempo, enaltecer as particularidades da região e de sua cultura, construindo e consolidando uma determinada visão sobre o lugar.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2009.

AMARAL, Aracy. *Textos do Trópico de Capricórnio*. Vol.1. São Paulo: Ed. 34, 2006. p. 78.

ARRAIS, Raimundo. *A capital da saudade: destruição e reconstrução do Recife em Freyre, Bandeira, Cardozo e Austragésilo*. Recife: Ed. Bagaço, 2006.

_____. *O pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2004.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Estudos avançados. vol.5 nº11. São Paulo, Jan./Abr. 1991. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext

_____. *História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DIAS, Cícero. *Pintura de Cícero Dias alimenta-se de música e poesia*. O Estado de São Paulo, São Paulo, 24/04/1999. In: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/Enc_Artistas/artistas_imp.cfm?cd_verbete=669&imp=N&cd_idioma=28555. Acesso em 20/11/2010

FREYRE, Gilberto. *A propósito de regionalismo tradicionalista*. Diários Associados: 04 de novembro de 1973.

_____. *A propósito de “regionalismo”, “modernismo” e “romance social”*. Diário de Pernambuco. Recife: 14 de setembro de 1947.

_____. *Um pintor brasileiro fixado em Paris*. Vida, Forma e Cor. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

_____. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. 5ª ed. São Paulo: Global, 2007.

REZENDE, Antonio Paulo. *(Des)Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de 20*. Recife: Fundarpe, 1997.

REZENDE, Antonio Paulo. *O Recife: histórias de uma cidade*. Recife: Fundação de Cultura da cidade do Recife, 2002.